

DESCORTINANDO OS DISCURSOS SOBRE O FEMININO NO GRUPO MULHERES QUE AMAM DEMAIS ANÔNIMAS

Maria da Luz Olegário

Doutora em Educação e Mestre em Linguística, pela Universidade Federal da Paraíba. Especialista em Leitura e Produção de Texto; graduada em Letras pela mesma instituição. Professora Associada IV da Universidade Federal da Paraíba, vinculada ao Departamento de Habilitação Pedagógica. Membro do Projeto de Extensão “Iguais Porque Diferentes”, da UFPB.

<https://orcid.org/0000-0002-7359-7202>

E-mail: daluzprof@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1-91>

RESUMO: O objetivo neste artigo é investigar práticas discursivas de subjetivação no contexto do grupo MADA (Mulheres que Amam Demais Anônimas) que se define como uma proposta de recuperação da dependência de relacionamentos, ou seja, um padrão de comportamento obsessivo-compulsivo, no qual algumas mulheres buscariam convivências amorosas destrutivas e com as quais não conseguiriam romper. Daí a concepção de que “amam demais”, e que isto significa sofrer. Como embasamento teórico e metodológico toma-se os estudos da Análise do Discurso, sobretudo as formulações de Michel Foucault, para quem o sujeito é resultado de uma prática, ou seja, o sujeito é sempre fabricado. A partir da análise, observa-se que discursos sobre gênero e amor no Grupo e fora dele (des) constroem as madas, para quem o amor é sofrimento e vício. Esse processo de (des) construção do sujeito amoroso, que se inicia nas reuniões, possibilita a estas olharem para si mesmas, interpretarem-se, julgarem-se, decifram-se, narrarem-se, aprenderem a ser mais autônomas, numa narrativa pedagógica e pedagogizável.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Gênero. Amor. MADA. Afetividade.

UNVEILING DISCOURSES ON THE FEMININE IN THE “WOMEN WHO LOVE TOO MUCH ANONYMOUS” GROUP

ABSTRACT: The objective of this article is to investigate discursive practices of subjectivation within the context of the MADA group (*Mulheres que Amam Demais Anônimas* / Women Who Love Too Much Anonymous). MADA defines itself as a recovery proposal for relationship dependency—an obsessive-compulsive behavioral pattern in which certain women seek out destructive romantic involvements that they are unable to break. Hence the conception that they “love too much,” and that this equates to suffering. The theoretical and methodological foundation is based on Discourse Analysis, specifically the formulations of Michel Foucault, for whom the subject is the result of a practice; that is, the subject is always fabricated. Through this analysis, it is observed that discourses on gender and love—both within and outside the group—(de)construct the “Madas,” for whom love is synonymous with suffering and addiction. This process of (de)constructing the romantic subject, which begins in the meetings, enables these women to look at themselves, interpret themselves, judge themselves, decipher themselves, and narrate themselves. In doing so, they learn to become more autonomous through a pedagogical and pedagogizable narrative.

KEYWORDS: Discourse. Gender. Love. MADA. Affectivity.

INTRODUÇÃO

O grupo Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA) tem seu foco voltado para questões referentes ao amor no universo feminino. Diferentes daquelas mulheres que afirmam depender financeiramente do companheiro e por essa razão não se separam, estas dizem amar demasiadamente e é devido a esse excessivo sentimento, que se tornam vítimas de relacionamentos que só as fazem sofrer.

Como requisito para participar desse Grupo, a mulher deve se reconhecer como mada³ (mulher que ama demais), ser dependente emocionalmente e concordar em manter o anonimato de si mesma e daquelas pessoas às quais se mantém dependentes. Essas mulheres frequentam o Grupo por acreditarem que a dependência de relacionamentos afeta profundamente suas vidas, seja ela entre amigos, namorado, marido, patrão e empregado, professor e aluno¹.

Este artigo, parte de minha tese de doutoramento, investiga discursos sobre gênero e amor no Grupo MADA, como estes constituem o sujeito que ama demais e o que caracteriza essa forma de amar.

Para compreender as inquietações suscitadas nesta pesquisa, recorro à epistemologia crítica, apropriada para este estudo, uma vez que se coaduna com a presente metodologia, ou seja, a Análise do Discurso na perspectiva foucaltiana e do Feminismo Pós-estruturalista.

O corpus discursivo aqui analisado foi constituído de fragmentos das entrevistas realizadas com três mulheres que frequentam/frequentavam o MADA², atendendo aos seguintes critérios: o tempo em que frequentavam as reuniões e os seus posicionamentos frente ao Grupo e a si (como cada uma se confessa, fala de si mesma). Também fizeram parte desse corpus, textos que constituem a literatura do Grupo e que são discutidos e estudados nas reuniões³.

¹ Neste trabalho, o foco está em madas que se dizem depender amorosamente de seus companheiros, maridos ou ex., ou seja, relacionamentos heteronormativos. Embora a literatura faça referência a madas dependentes de relacionamento também com os filhos, mães e outros familiares, não encontrei nenhum depoimento nas reuniões ou entrevistas que comprovasse isso no Grupo “Luz Divina”- João Pessoa-PB.

² Como mecanismo de simplificação, utilizei M1, M2 e M3 para me referir às madas, na sequência cronológica das entrevistas.

³ Neste artigo, o texto utilizado foi “A primeira vez (T1)”.

DISCURSOS SOBRE A AFETIVIDADE FEMININA

As concepções mais comuns acerca da afetividade feminina inserem-se num conjunto mais amplo de discursos sobre as mulheres, quase sempre negativos, quando não ambíguos ou positivos e essencializados. Torna-se necessário contextualizar historicamente algumas das representações mais comuns ainda hoje sobre a feminilidade.

Universalmente os homens são associados à cultura e as mulheres à natureza. Isso faz, portanto, com que elas sejam vistas como ameaçadoras, sórdidas, erradas e mesmo como anomalia, em determinado momento da história. Como os homens definem a ordem pública, as mulheres são o seu oposto, ou seja, a desordem (Del Priore, 2000).

A tradição judaico-cristã inclui a cisão matriarcal/patriarcal, que forja uma superioridade dos homens e afirma a inferioridade das mulheres (representantes do feminino). Como o patriarcalismo presente nessa tradição tem dificuldades com as ambiguidades, embora não consiga evitá-las, estrutura-se em torno de polaridades fixas: homem/mulher, saúde/doença, bem/mal, céu/inferno. A partir disso, o que é exclusivo da mulher (seu corpo) só é eventualmente sagrado enquanto ela se prepara para a fecundação. O que é apenas do homem (capacidade de fecundar) só eventualmente é impuro.

A imagem das mulheres como ameaça perniciosa tem seu ápice no Renascimento, quando são transformadas em feiticeiras. Por serem consideradas agentes de Satã, as mulheres podiam prestar-se a todos os tipos de feitiçaria. Algumas de fato recorriam a curas informais, perpetrando uma subversão: em vez dos médicos, eram elas que resgatavam a saúde. Um saber informal, transmitido de mãe para filhas, necessário para a sobrevivência dos costumes e tradições femininas, bem como oportunidade para as mulheres se solidarizarem.

A naturalidade e a intimidade com que tratavam a doença, a cura, o nascimento e a morte tornavam-nas perigosas e malditas. Com a acusação de curandeirismo, eram duplamente atacadas: por serem mulheres e por possuírem um saber que escapava ao controle da medicina e da igreja (Del Priore, 2000, p.108).

Especialmente no Brasil, na época da colonização, quando a doença era concebida como castigo divino, o corpo feminino era visto, tanto por pregadores da Igreja Católica, quanto por médicos como um palco nebuloso no qual Deus e o Diabo se

digladiavam. Qualquer doença ou mazela que atacasse às mulheres era tida como ira por pecados cometidos, sinal demoníaco ou feitiço diabólico.

Com esse discurso dominante, homens e mulheres vão se constituindo enquanto sujeitos amorosos diferenciados e, como tal, aprendendo a exercer papéis diferente, quando enamorados, no que Costa (1998) vai chamar de “gramática amorosa”.

Essa “gramática amorosa”, entretanto, sempre se constituiu a partir de discursos diferenciados para homens e mulheres.

Assim, por serem associadas à natureza, as mulheres eram vistas como naturalmente belas, frágeis, doces, submissas, sedutoras. Aquelas que revelassem atributos opostos eram antinaturais. No entanto, características negativas, como a perfídia e a amoralidade, eram consideradas atributos naturais das mulheres, o que criava uma visão profundamente ambígua do ser feminino.

Em síntese, à questão da construção da afetividade feminina, o masoquismo parece ser a condição central que atravessa essa construção e permite uma semelhança com a proposta do MADA, quando observados os variados documentos do Grupo e os depoimentos analisados, ao longo da pesquisa. Assim, uma revisão sobre a afetividade feminina pode contribuir de maneira relevante para uma compreensão que considere o discurso como constituidor de subjetividades, bem como por levar em conta as condições sócio-históricas a que as mulheres estão submetidas na experiência de amar e sofrer.

AS MULHERES E O AMOR

Sobre o amor, afirma Beauvoir (2000) ser m engodo para as mulheres, *locus* privilegiado do sofrimento e da opressão. Inventado e como tal recriado, aperfeiçoado como subjugo da mulher ao amor romântico, assevera Costa (1998). Para Giddens (1993), é a esfera em que as mulheres são especialistas, um enredo engendrado pelos homens contra as mulheres. O espaço em que pode se dar momentaneamente a amenização da dominação, diz Bourdieu (2003).

No processo histórico da construção de discursos, também científicos, sobre a feminilidade, a ligação ao amor é um dos discursos mais essenciais e recorrentes. Este é fundamental na proposta do MADA. O amor tem sido pensado intrinsecamente

relacionado às mulheres, e vice-versa, seja como algo que está na essência delas, ou como domínio no qual são “jogadas” pela socialização. Mas, além do campo das representações, as mulheres também têm sido sistematicamente “empurradas” e circunscritas ao “território” amoroso, na relação dual, com a criança via maternidade, ou com o homem via conjugalidade (Rodrigues, 1998).

Também para Beauvoir (2000), o amor não teria o mesmo significado para homens e mulheres. O amor seria apenas uma ocupação na vida dos homens e a própria vida das mulheres. O que os homens desejariam é possuir as mulheres e serem os soberanos em suas vidas. Para as mulheres, o amor seria uma entrega total a um senhor. Assim, isso não seria natural, mas sim a diferença de suas situações (econômica, de poder, de atribuições, cultural) que se reflete na concepção que têm do amor.

Dessa forma, Beauvoir (2000) defende que o sentimento amoroso na mulher seria uma tentativa suprema de superação, assumindo a dependência a que se acha condenada, situação que só pode ser vivida no medo e servilismo, conforme explicita:

No dia em que for possível à mulher amar em sua força, não em sua fraqueza, não para fugir de si mesma, mas para se encontrar, não para se demitir, mas para se afirmar, nesse dia o amor tornar-se-á para ela, como para o homem, fonte de vida e não perigo mortal. Enquanto isso não acontece, ele resume sob sua forma mais patética a maldição que pesa sobre a mulher encerrada no universo feminino, a mulher mutilada, incapaz de se bastar a si mesma. As numerosas mártires do amor testemunharam contra a injustiça de um destino que lhes propõe, como derradeira salvação, um inferno estéril (Beauvoir, 2000, p.438).

Beauvoir escreveu isso há mais de cinquenta anos, mas Ávila (1999) afirma que para as mulheres o exercício da sexualidade baseado na concepção do amor romântico tem implicado sempre um lugar de “desposuimento”. Nessa concepção de amor, a renúncia, o sofrimento, a desigualdade, são elementos constitutivos do lugar feminino, enquanto lugar das mulheres, no jogo do amor romântico. Na mesma linha, Telles (2000) afirma que o amor romântico depende da coerção, escravização e da perda do autorrespeito pelo ridículo imposto às mulheres.

Giddens (1993) defende que as ideias do amor romântico estão diretamente relacionadas à fragilidade e à subordinação da mulher ao lar e ao seu distanciamento do mundo exterior. A idealização desse sentimento está associada não só ao casamento, ao bom marido, ao cavalheiro gentil e galanteador, mas a comportamentos diferentes: de

como homens e mulheres devem e aprendem a amar. Na percepção deste autor, essas ideias românticas merecem ser analisadas como conjunto de influências que afetaram as mulheres, a partir do final do século XVIII:

Um deles foi a criação do lar (...). Um segundo foi a modificação nas relações entre pais e filhos; um terceiro, o que alguns chamaram de ‘a invenção da maternidade’. No que dizia respeito à situação das mulheres, todos eles estavam intimamente integrados (Giddens, 1993, p. 52-53).

No dizer de Costa (1998), o amor é sentimento falado, ensinado e pronunciado de certos modos a não romper com a imagem e o discurso que o sustenta, realimentando o poder das forças que o introduziu na cultura patriarcal e na própria “consciência” feminina. Ao seu companheiro, caberia ser o objeto e receptáculo desse amor tradicional e contraditório, ideologicamente fortalecido no século XIX, e que se estende até os nossos dias.

A concepção de menor diferenciação psíquica, predominância da habilidade relacional e “vocalização” para o amor estão presentes em diversas obras, mesmo quando a explicação remete à socialização, e não a uma essência biológica. É o caso de Chodorow (1979), para quem a personalidade feminina se define em relação e conexão com outra pessoa mais do que a masculina. Para a autora, as mulheres seriam menos individualizadas que os homens, possuindo limites do ego mais flexíveis. A educação das crianças, reforçada pelo exercício do papel feminino e masculino, produziria essas diferenças.

Assim, a identificação do gênero masculino seria posicional com relação ao pai, e não pessoal. Já as meninas, por estarem mais próximas às mães e terem tido um relacionamento feminino com ela como pessoa, o sexo e a identificação do papel de gênero são mediados por uma real dependência das relações afetivas. A identificação com a mãe não seria posicional, e sim pessoal. Para a autora, na maioria das sociedades, as mulheres são definidas em termos de relação (esposas, mãe, filhas, noras). As mulheres aprenderiam como perseguir seus próprios interesses obtendo a simpatia de outras pessoas, sendo educadas, compreensivas e amáveis. Os homens representariam vivências do *self*, dos outros, do espaço e do tempo em formas individualistas, objetivas e distantes, enquanto as mulheres representariam vivências em formas relativamente interpessoais, subjetivas e imediatas (Chodorow, 1979).

Estudando as modificações nas representações da feminilidade na obra de Freud, Nunes (2000) afirma que este acata o ideal, tão em voga no final do século XIX, de que a mulher fora feita para o amor e que amar e ser amada são as únicas aspirações de uma verdadeira mulher. A mulher seria diferente do homem, o que não seria negativo. Com uma visão conservadora acerca do papel que a mulher deveria ocupar na sociedade, na primeira fase de sua obra, a sexualidade feminina era vista por Freud como passiva e doce, dotada de menor agressividade e de uma debilidade sexual, tendendo ao masoquismo.

A partir de seus estudos sobre a homossexualidade, num artigo sobre o narcisismo, Freud apresenta uma mudança na visão sobre as mulheres: estas fazem mais frequentemente escolhas objetais narcísicas e que buscam principalmente serem amadas, em vez de amar. Rompe, assim, com a ideia do século XIX da mulher dotada de maior capacidade de amar. A partir desse momento, sendo vista como mais fixada ao narcisismo, ela é uma ameaça ao homem e à sociedade, porque foge ao seu controle e sua essência egoísta se volta para seus próprios interesses, deixando de lado os interesses familiares e sociais.

Dessa forma, a mulher seria a grande solapadora do pacto civilizatório. Já que a família, o marido e os filhos devem constituir a totalidade da vida e fonte exclusiva de prazer e satisfação, dificilmente vai abrir mão desses laços amorosos em nome dessa cultura. É antagonista ao processo civilizatório na medida em que se torna a grande defensora dos prazeres, principalmente do amor.

De início, por sua necessidade de amor, colaboram com o processo de civilização através do casamento e procriação, mas elas ao mesmo tempo representam os interesses da família e da vida sexual, opondo-se a esse processo, de tal forma que seria uma ameaça por dois motivos: por estar situada no polo sensual e amoroso, dando prioridade aos laços afetivos e familiares, recusando-se a abrir mão desses laços em nome do bem comum. Depois, em função da hostilidade e ressentimento em relação a uma civilização que tão poucas possibilidades de realização lhe ofereciam. Uma conduta feminina que privilegia o afetivo começa a ser pensada como um entrave às aquisições culturais e à produção de valores mais elevados, ligados à vida pública. Assim, na leitura de Nunes (2000, p. 165):

Infantilizada por sua condição de dependente do homem, impedida de exercer livremente sua sexualidade ou mesmo ter acesso a diferentes possibilidades sublimatórias, ela luta com unhas e dentes para preservar seu mundo doméstico, onde tem algum valor. Aqui a hostilidade da mulher extrapola a relação conjugal, atingindo a sociedade de um modo geral.

Para a autora, essa crítica à figura materna vai marcar profundamente a psicanálise pós- freudiana, na qual a mãe vai ser pensada como responsável pelo adoecimento dos filhos em função da falta de regulação dessa relação primária, quase exclusiva e muito dependente que se estabelece no modelo familiar nuclear. O pai é pensado como o elemento que deve intervir, rompendo com essa fusão incestuosa.

Essa interpretação da obra de Freud interessa aqui, por sua visão ter contribuído com a constituição de discursos negativos sobre as mulheres, e por algumas explicações encontradas no MADA acerca da afetividade feminina, ou seja, não só as mulheres são vistas como voltadas para o amor, como uma “vocalização”, como também por sua necessidade potencialmente patológica de amor, representando um perigo para a sociedade e para si mesmas, além de, muitas vezes, serem incapacitadas para a participação no mundo público em virtude de sua afetividade. Ressalte-se que nos textos do MADA a dependência de afeto das mulheres também é vista como uma manifestação de seu egoísmo, e não de sua capacidade de amar, como podem atestar as informações resultantes de um texto sondagem sobre o problema “amar demais” conforme se pode ver no fragmento de (T1) “A primeira vez” que segue:

Torno-me obsessiva com os relacionamentos? Sim? Não? 8) Pratico atos irracionais? Sim? Não? 9) Tenho ataques de ira, depressão, culpa ou ressentimento? Sim? Não? 10) Tenho ataques de violência? Sim? Não? (T1).

Ao falar de sua condição de mada, define assim, os próprios sentimentos:

Amar...seria... seria UM AMOR que tá trazendo sofrimento pra gente... entendeu? como esse amor...que só vai destruindo e corroendo... é o meu caso que inclusive...geralmente essas mulheres amam tanto e sofrem tanto que terminam doentes... de tanto sofrimento... o meu coração... eu tenho certeza que foi consequência... foi fruto disso aí... entendeu? (DMI).⁴

Num momento de questionamento da ordem política, social e cultural, as mulheres

4 Os depoimentos audiogravados foram transcritos segundo Castilho e Preti (1987), amplamente divulgadas pelos trabalhos que envolvem o Projeto Norma Urbana Culta- NURC, das cidades do Recife-PE, Porto Alegre-RS, Rio de Janeiro-RJ e Salvador-BA.

construíram uma visão de mundo que valoriza a autonomia e a igualdade, que também seriam incorporadas ao seu modo de conduzir as relações afetivo-sexuais. Veja-se o seguinte fragmento:

meu relacionamento nunca foi um relacionamento de muito diálogo... sabe? de combinar as coisas... era sempre ele que decidia...hoje... as coisas tão mudando... eu vejo os relacionamentos de hoje ... é tudo mais aberto... também a mulher hoje tem mais espaço...(DM3).

Apesar dos questionamentos, fica evidente que, muitas vezes, a maior preocupação é a manutenção do vínculo, e não a busca da igualdade, como no enunciado a seguir, no qual a mulher sugere a divisão de tarefas para ter mais disposição para se dedicar ao homem, além do fato de o serviço doméstico poder ser uma concessão do homem, não uma obrigação. M2 se diz arrependida de não ter ensinado aos dois filhos (hoje adultos) a dividir as tarefas domésticas, mas contraditoriamente, afirma que os trabalhos domésticos diminuem o tempo de se embelezar para seu esposo:

Lá em casa não tem esse negócio de ajudar não... meu marido foi criado desse jeito...na casa da mãe dele até hoje é assim.... quando a gente vai para lá...todas as mulheres ficam na cozinha conversando...e os homens lá fora bebendo cerveja eu sei que errei com os meus filhos que estão grandes.... e.... por essa desigualdade... a gente fica...fica sem tempo pra se ajeitar pra eles mesmos... pra ficar mais bonita...

Como se pode ver, os discursos sobre o amor romântico estão intimamente relacionados à feminilidade e podem ser analisados sob dois enfoques: num primeiro, essa “vocação” para o amor é vista de forma patológica e egoísta. Num segundo, a renúncia, a dependência e a desigualdade são elementos que constituem o feminino; as mulheres são coagidas, tornando-se frágeis e subordinadas, não somente ao amado, mas à própria condição de amante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos sobre a feminilidade, ligados ao amor romântico, direcionam as mulheres a essas vivências, levando-as a recorrer ao “poder dos afetos”. Além disso, limitam sua autonomia. Esses discursos também invisibilizam as relações de poder entre homens e mulheres ao atribuir características de gênero a supostas essências, sejam “naturais” ou sociais.

Assim, o amar demais é um tipo de experiência construída na posição de subordinação, como um efeito produzido por esta na saúde física e emocional das mulheres, como a expressão de relações desiguais. O amar demais pode ser pensado como uma forma de subjetivação relacionada a uma identidade degradada construída pela experiência de mulheres que são desvalorizadas em diversos campos da vida.

A partir da análise, observa-se que discursos sobre gênero e amor no Grupo e fora dele (des) constroem as madas, para quem o amor é sofrimento e vício. Esse processo de (des) construção do sujeito amoroso, que se inicia nas reuniões, possibilita a estas falarem de si mesmas, interpretarem-se, julgarem-se, decifram-se. E, à medida que se narram e se apropriam de discursos outros sobre a afetividade feminina, (des) aprendem formas diferentes de se relacionar amorosamente com o outro.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, Maria Bethania. Direitos reprodutivos, exclusão social e Aids. In: BARBOSA, Regina Maria; PARKER, Richard (Orgs.). *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ; São Paulo: Editora 34, 1999, p. 40-48.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução: Maria Helena Kühner. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CHODOROW, Nancy. Estrutura familiar e personalidade feminina. In: LAMPHERE, Louise; ROSALDO, Michelle Z. (Coord.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 65-94.
- COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- DEL PRIORI, Mary. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000, p.78-114.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Instituto Antonio Houaiss, versão 2.0, São Paulo: Objetiva, 2007.
- NORWOOD, Robin. *Mulheres que amam demais*. Tradução de Cristiane Perez Ribeiro. São Paulo: Arx, 1985.
- MADA. Mulheres que Amam Demais Anônimas. A primeira vez. In: *Apostila do grupo MADA*. [200-?].

NUNES, Silvia Alexim. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha*: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

RODRIGUES, Almira Correia de Calda. *Cidadania nas Relações Afetivo-Sexuais no Brasil Contemporâneo*: uma questão de políticas públicas. 1998. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-graduação em Sociologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

SANCHEZ-VIDAL, A. *Psicologia comunitária*: bases conceptuales y organizativas, métodos de intervención. Barcelona: PPU, 1991.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000, p.401-442.

Submissão: outubro de 2025. Aceite: novembro de 2025. Publicação: fevereiro de 2026.